

## DO CASO DE AMOR POR PEPETELA

Luiza Helena Oliveira da Silva<sup>1</sup>

Cleuza era dada a grandes amores. Os que não vivia inventava. Algumas de suas paixões eram relativas ao *ethos* dos escritores. Não se importava tanto com a narrativa biográfica aqui e ali produzida, uma vez que seu amor se construía mediante a percepção de uma certa constância de seus temas, pelo modo de narrar, de falar da vida, pela forma com que, valendo-se da mesma língua materna, edificavam o poético. Fidelíssima, seguia capaz de arrastar seus livros ante toda peregrinação ou exílio, sem abandoná-los em estante infiel.

Com Drummond, sonhava um dia apertar a campainha do apartamento, supondo que morasse em um deles em Copacabana, num prédio de classe média com aqueles elevadores velhos que parecem não conseguir fazer a última performance prometida de levar o cidadão até o andar desejado. Pois Cleuza um dia vencia o elevador, apertava a campainha... Não conseguia imaginar o que viria em seguida. O amor é sempre um mistério.

Para Amós Oz enviava e-mail. Haveria o problema da língua, porque o tradutor do Google poderia não ser tão eficiente. Como ela diria do amor nutrido a partir das leituras a suas tantas narrativas? Cresceu o amor quando leu *De amor e trevas*, mas havia coisas que pareciam não estar propriamente nos textos, para o que faltam as palavras, mas que elas suscitam, mesmo assim, na sua sagrada incompletude. São como efeitos que reverberam na alma e produzem essa aproximação entre sujeitos de línguas, experiências, idades, culturas distintas, geograficamente afastados demais pelo destino. Amós Oz não baixaria no Tocantins, sob esse sol úmido de outubro e, infelizmente, partiu quando Cleuza estava ocupada com preparação de aulas de linguística e antes que se aventurasse a construir missiva amorosa. O amor tem seus impedimentos.

Havia Gabriel García Márquez, que não resultaria em caso de amor carnal. Ela o queria ouvir, com o respeito de uma boa amizade que não ultrapassa alguns limites que se convertessem em saliência profana. Com ele viriam Macondo, Melquíades e o sânscrito, os peixinhos dourados, os fantasmas que foram embora com a partida de sua avó, além da esperança de amar quando não há sequer promessa. O amor tem seus impossíveis.

---

<sup>1</sup> Docente da UFT/Araguaína. Escreve poemas, de vez em quando, contos e crônicas. Publicou pela EDUFT, *Solau do mal de amor*. E-mail: luiza.to@uft.edu.br

Com Pepetela, porém, Cleuza nutre um desejo de amor carnal. Lá, em Angola, ou em algum canto do mundo onde se instale, quiçá mesmo em terras brasilienses, o escritor nem suspeita do assanhamento. Ama sua narrativa, a surpresa do que revela. Mas ela também se fixa na barba grisalha, imaginando que fossem amantes. Talvez porque o velho guerrilheiro lhe contasse histórias de Angola, da luta pela libertação, do que aconteceu depois, das contradições da política ou das histórias ancestrais. Com ele se casava. Os dois ficariam muito tempo silentes, ocupados nas suas respectivas atuações de escrita e docência, mas, depois do amor, ele lhe contaria histórias. Seria sua Sherazade, a criar um mundo novo a cada madrugada. O amor tem sua poesia.

*Recebido em 30 de agosto de 2019.  
Aceito em 16 de novembro de 2019.*